



N.º 38 — LISBOA, 1 DE OUTUBRO

1.º ANO 1933

# PARODIA

## COMEDIA PORTUGUEZA

**Publica-se ás quintas-feiras**  
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA**  
**PREÇO AVULSO 20 RÉIS**  
 Um mez depois d. publicado 40 réis

**Redação e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º**

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs.	Brasil, anno 52 numeros..... 25500 rs
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs.	Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 5100 rs.	Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13000 rs.

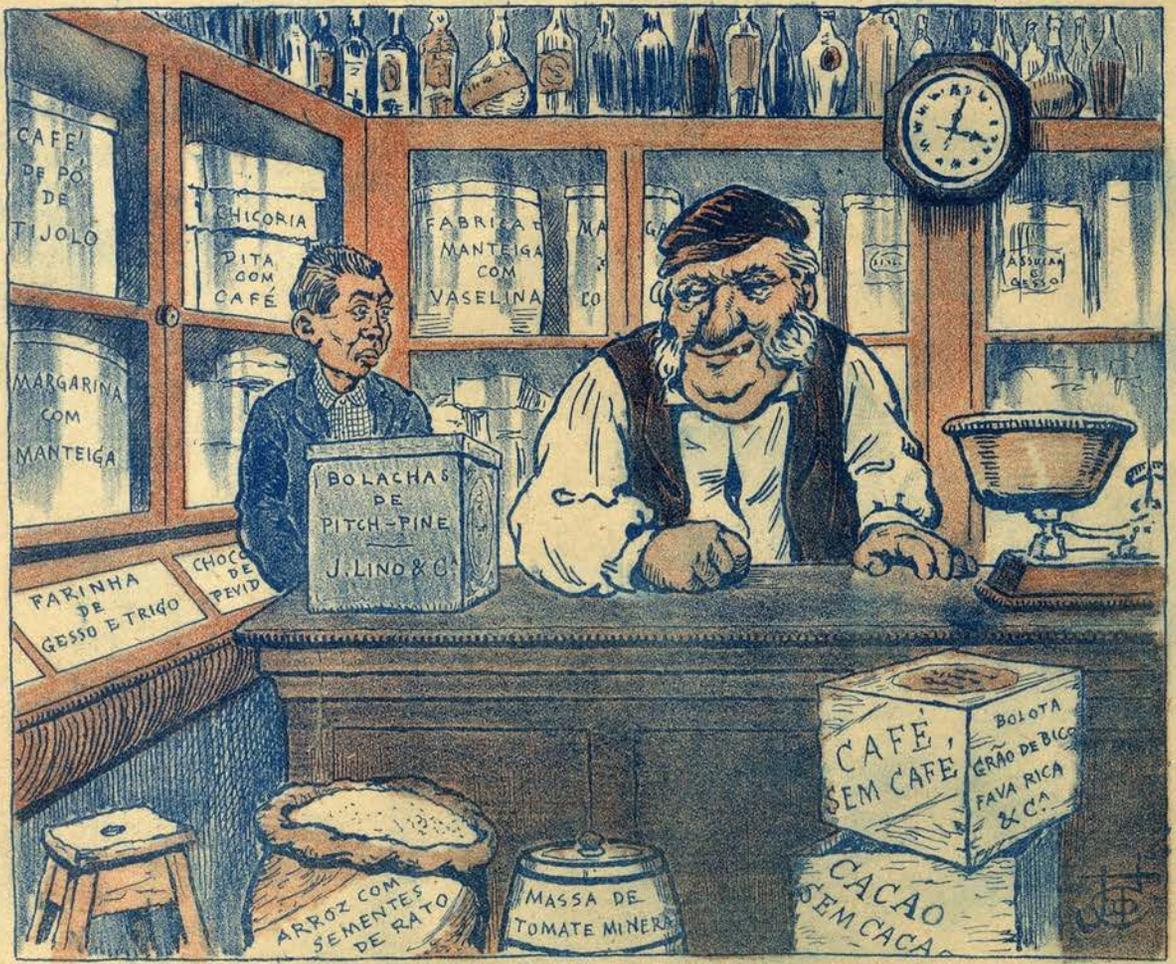
**NOTA:** — As assignaturas por anno e por semestre accoitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

**EDITOR — CANDIDO CHAVES**

**COMPOSIÇÃO**  
**Minerva Penicular**  
 82, Rua do Norte, 82

**IMPRESSÃO**  
**Lithographia Artistica**  
 Rua do Almada, 32 e 34

### O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO



**A mercearia «Probidade»**

## Politica e alimentação

O *Diario* acaba de publicar as instrucções com que o governo entendeu defender a saúde publica contra as fraudes introduzidas pela industria e pelo commercio nos artigos de alimentação.

As instrucções em questão referem-se em especial a estes tres artigos de consumo — o café, o chocolate e o chá.

Como entendeu o governo pôr o publico ao abrigo das fraudes da alimentação?

Condemnando a fraude?

De nenhuma maneira.

Regulamentando a fraude.

Assim, por exemplo, a falsificação do café é permittida, submettendo-se porém a um certo numero de preceitos.

O vendedor affixará nos recipientes onde se contém o artigo falsificado um letreiro bem visivel com a designação dos ingredientes que serviram á falsificação.

Assim—estipulam as instrucções do governo— dirá por exemplo:

*Café com chicoria.*

*Café com chicoria e cevada.*

*Café com farinha de cereaes.*

*Café com grão de bico.*

*Café com chicoria e batata.*

*Etc.*

O *etc.* é de origem veridicamente official. Saiu no *Diario do Governo* e é lei do Estado.

Isto quanto ao café.

Quanto ao chocolate:

As adulterações do chocolate são permittidas, comtanto que, assim como para as adulterações do café, ellas se sujeitem á regulamentação, a qual estipula o seguinte:

A addição de farinhas e ainda de cereaes e leguminosas, de batata, de araruta, de castanhas, etc., é permittida, comtanto que ao titulo — *Chocolate* se acrescente a designação dos ingredientes que serviram para o falsificar.

Assim:

*Chocolate com fecula de batata.*

*Chocolate com farinha de trigo.*

*Chocolate com farinha de castanhas.*

*Chocolate com farinha de feijão.*

Temos, portanto, que, contra toda a expectativa, as falsificações dos generos alimenticios não só não foram punidas, como foram reconhecidas.

O Estado encontrou-se impotente para debellar esse mal.

O que fez?

Pactou com elle.

Que ámarhã appareçam salteados nas ruas de Lisboa e que a poli-

cia se reconheça insufficiente para os perseguir: immediatamente o Estado regulamentará o assalto ao transeunte.

Na sua immensa argucia, o Estado argumenta por certo que a fraude só existe quando existe a má fé e que a entrada no mercado de productos adulterados mas não inculcados como legitimos, supprime a idéa de falsificação.

O Estado argumenta admiravelmente como fabricante de café com batata e como manipulador de chocolate com grão de bico, mas está longe de argumentar bem como representante dos interesses geraes da sociedade.

Todas as adulterações, mesmo as mais inoffensivas, são nocivas á saúde publica, porque se intercalam surrateiramente na miseria das classes como outras tantas causas de depauperamento individual e collectivo.

A chicoria não é nociva á saúde publica, mas não tem as propriedades nutritivas, estimulantes, tonicas do café. O grão de bico é um alimento excellent, mas está longe de possuir o poder alimentador do cacão.

Facilitando o escoamento d'estes productos, sob designações que permanecem mentirosas, porque illudem a imaginação popular e entram nos costumes, o Estado contribue com um novo elemento para o enfraquecimento dos individuos e o desenvolvimento dos males mortaes que já hoje acabaram por inquinar a sociedade inteira.

Até hoje ainda era possivel que uma chicara de café, ou uma taça de chocolate chegasse até um lar miseravel—e era um momento embora rapido de calor e de revivescencia em pobres organismos, nos quaes um raio de sol dá muitas vezes alento para um dia inteiro.

Depois da creação official do café de cevada e do chocolate de feijão— inutil pensar em tal. A miseria, que vive de illusão, correrá para essa nova mentira.

Dentro em pouco, as classes pobres de Portugal, que dentro em pouco tambem, seremos nós todos, alimentar-se-hão, como os personagens das magicas, das mais brilhantes ficções.

Reserva-se porém, o Estado para punir as adulterações que procurem subtrahir-se ás prescripções do regulamento.

Ingenuo Estado!

As adulterações clandestinas cessaram, e d'ora ávante serão todas publicas.

Haverá certamente alguns generos de uma origem pura, mas, como o tabaco sem nicotina do doutor Kissling, serão uma ruina.

Não haverá falsificações.

Haverá o envenenamento collectivo, o depauperamento collectivo, a tuberculose collectiva.

## A Gorgeta e o Fisco

Alguem, sensato forreta,  
Queixa-se, mas sem razão,  
De tudo pedir gorgeta...  
Porém não vão p'ra a grillheta  
Aquelles que não a dão.



Pede o estafado carteiro  
Para beber uma pinga;  
Mas, se não lhe dão dinheiro.  
Safa-se muito ligeiro,  
Sem a mais leve rezinga.



Pede o que os queixos nos rapa  
Depois de feito o serviço;  
Mas, se não apanha a *chapa*,  
A sua magua solapa  
E não nos corta por isso.

Pede o distribuidor,  
De cortez fazendo alarde;  
Mas o nosso desamor  
Não faz que aquelle senhor  
Nos traga o jornal mais tarde.

De botequim todo o moço  
Espera a mais uma cheta;  
Porém, no bife do almoço,  
Não augmenta o peso do osso  
Inda que falte a gorgeta.

O que as botas nos engraxa  
Tambem nos pede propina;  
Mas nunca mostra má facha,  
E a toda a hora se agacha  
Para não andar á divina.

Apenas me mostro arisco  
(E vaé dito sem mentira)  
Com o amigo senhor Fisco...  
Porque caça sem ter visco,  
E nunca pede, mas tira.



## OUTRA NA FERRADURA

Foi um espectáculo curioso — dizem de Braga — a entrada ali das tropas que regressaram das manobras de Vianna.

«O calçado — telegrapham ao *Diarrio* — obrigava grande numero de soldados a mancar. Muitos calçavam chinellas e alpercatas, e outros marchavam em meias e até descalços. Nos tres regimentos varios soldados e sargentos não aguentaram a marcha, vindo fóra da forma, dispersos. Foi avultado o numero de praças que se retardou. A's 5 horas da tarde, ainda estavam chegando soldados aos quartéis. Em um carro d'alúquer, vieram uns 15 soldados».

Consignando que em summa as manobras de Vianna duraram apenas dois dias e que as marchas executadas fóra dos quartéis não excederam a extensão de um simples passeio militar, as *Novidades* perguntam alarmadas, o que succederia n'um caso de guerra a sério.

Que succederia?

Pois, sem botas, iria cada um para sua casa, pelo seu pé, a não ser que os pés venham um dia a estar á vontade, como o annuncia n'este momento um poeta do Porto:

*Attende Multidão! as pesadas grilhetas  
Que não deixam andar teus pés bem  
á vontade  
Quebral-as hão um dia as vozes dos  
Poetas*

Aqui está.

E' possível que as vozes dos poetas façam melhor que o sr. ministro da guerra.

Entretanto, não se pôde dizer que o exercito esteja em pé de guerra, porque justamente de pé é que elle não pôde estar.



Mas não se diga que em absoluto a defeza publica não existe e a organisação militar é nulla.

Cuida-se do exercito, como se cuida da marinha.

*Verbi gratia:* vae ser montado um sanatorio marítimo para as praças da armada, atacadas de tuberculose.



O caso da semana passada foi o da travessia accidentada dos dois barcos da Alfandega, vindos de Faro para Lisboa, com máo tempo.

Sabe-se como as coisas se passaram: um dos barcos levava a rebo-

que o outro, que era uma pequena lancha a vapor, tripulada por dois homens.

Nas alturas de S. Vicente, rompe-se o cabo do reboque e a lancha a vapor, que o rebocador não soccorreu, fica abandonada no alto mar em meio da tormenta.

N'estas circumstancias apremiantes, os dois tripulantes da lancha, um dos quaes era catholico e o outro livre pensador, dividiram assim a sua indispensavel acção: emquanto um invocava Nossa Senhora, o outro munia-se de uma caixa de phosphoros e accendia a caldeira, e ou fosse pela acção d'um, ou pela acção d'outro, o certo é que a lancha andou, devendo-se, no entanto apparentemente este phenomeno á caldeira.

Havia um machinista a bordo da lancha?

Não havia um machinista a bordo da lancha.

A' hora da partida, o machinista tinha passado para bordo do rebocador.

Referindo estes factos, eis como os jornaes os resumem: o machinista salvou-se «milagrosamente», visto que á hora da partida, tendo podido ficar a bordo da lancha, passou para bordo do rebocador, e os dois tripulantes «resuscitaram» por isso que, tendo accendido a caldeira e feito funcionar a machina, voltaram para terra como era de suppôr.

O caso da travessia dos dois barcos foi portanto assignalado por dois factos egualmente sobre-naturaes: um milagre e uma, ou, mais exactamente, duas resurreições.

E ainda a Igreja se queixa da imprensa!



Relatando o regresso dos dois resuscitados que embora resuscitados, não tinham tido ainda em sua vida occasião de morrer — um jornal epigrapha d'est'arte os commoventes successos:

*Chegada á alfandega — Scena emocionante — A narração — Horas de angustia — Terra! — Salvos — Um heroe.*

De forma que, eis dois homens obscuros que subitamente nos apparecem actores, não de um drama marítimo occorrido na costa do Algarve, por uma noite de borrasca, mas na realidade de um drama do Principe Real, com scenario do sr. Reis e *mise-en-scène* do sr. Salvador Marques.

E assim fica a gente verdadeiramente sem saber se elles são empregados da alfandega, se personagens dos *Lobos do mar*, drama em 5 actos, quinze quadros e um cachimbo.



Em resumo, a gente anda ás aranhas.

Pois não houve a semana passada um jornal que intitulou assim um dos seus artigos — *Psychologia de um boato!*

Não ha duvida! A imprensa está ao serviço de todos os desvairamentos.



Vejamos por exemplo, sem largar da mão essa respeitavel instituição social: — Um jornal progressista da tarde assevera que o sr. José Luciano de Castro é liberal «por educação e por temperamento»

De forma que ha temperamentos lympháticos, temperamentos sanguineos, temperamentos liberaes.

O liberalismo é uma coisa organica.

Nasce-se liberal.

Herda-se liberalismo.

Existe uma tara liberal.

O sr. José Luciano é liberal de nascença.



O sr. ministro das obras publicas indeferiu um requerimento para a formação de um Banco destinado a desenvolver o commercio, a industria e a agricultura.

Capital do Banco: 10 contos de réis.

Não era um Banco: — era a bisca lambida.



Já é sabido que a camara de Vianna quiz pagar a sua divida de reconhecimento pela ultima visita d'el-rei áquella cidade, dando o nome do mesmo augusto senhor á avenida Luiz de Camões, que assim passaria a chamar-se — Avenida D. Carlos.

Era o que se chama — um pau por um olho.

O de Camões.



Está á bica um novo principado — o principado da Madeira.

O novo principe, mais a sua côrte, já ali foram recebidos com honras soberanas: governador civil, autoridades, vassallos, musica e regosijo.

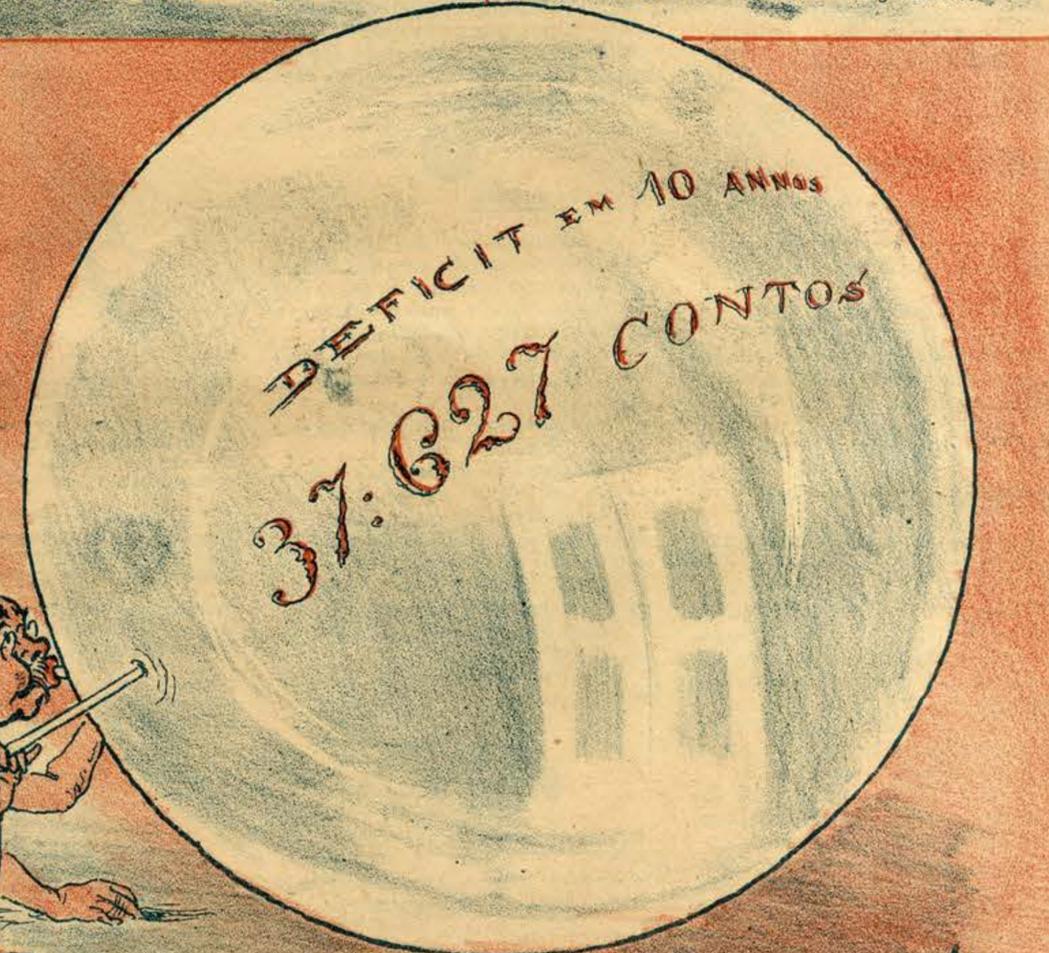
Por ora, a bandeira das quinias.

Para breve — o double-quinias.

O FERRADOR.



# AS CONTAS DO THESOURO

<p>1892-93 Deficit — 6:137 contos</p>  <p>1.º bebé — Olha uma bola bonita?</p>	<p>1893-94 Deficit — 357 contos</p>  <p>2.º bebé — Olha a minha?</p>	<p>1894-95 Deficit — 2:163 contos</p>  <p>1.º bebé — A tua não presta... A minha é melhor.</p>	<p>1895-96 Deficit — 1:367 contos</p>  <p>2.º bebé — Olha agora?... </p>	<p>1896-97 Deficit — 7:465 contos</p>  <p>1.º bebé — Olha tu uma muito grande?..</p>		
<p>1897-98 Deficit — 4:452 contos</p>  <p>2.º bebé — Olha esta?..</p>	<p>1898-99 Deficit — 3:418 contos</p>  <p>1.º bebé — E esta?..</p>	<p>1899-900 Deficit — 7:388 contos</p>  <p>2.º bebé — Esta é que é bonita... olha?</p>	 <p>DEFICIT EM 10 ANOS 37.627 CONTOS</p>			
<p>1900-901 Deficit — 404 contos</p>  <p>1.º bebé — Ah!... que pena!...</p>	<p>1901-902 Deficit — 4:476 contos</p>  <p>2.º bebé — Olha esta?!... Olha esta!!</p>				<p>Os dois em coro — Ihhhh!!!</p> 	

As bolas de sabão — Os dois bebés

Portuquezes em Paris

O jornalista portuquez PERRY de Linde, de passagem em Paris, envia ao seu jornal algumas impressões do que por lá tem visto.

O Cemiterio dos cães foi uma das coisas que mais o impressionaram.

«Mais de duas horas ali passei — diz elle — pasmando a cada passo do que via, e tomando notas. Encheria columnas com o que ali escrevi na minha carteira. Pobres cães! Honremos a sua memoria!»

O Cemiterio dos cães é em Asnières. Um collega de Linde traduziu *Asnières* por *Asneiras*, e commentou: — Lá está o PERRY de Linde no seu elemento!

Questões colonias

O *Diario de Notícias* pergunta:

«As colonias representam um beneficio, ou representam um encargo?»

Se é de colonias portuquezas que se trata, a resposta é prompta: representam um beneficio para a Inglaterra, e um encargo para Portugal.

Lexicologia e petiscos

Em uma das suas sempre proveitosas lições de falar e escrever, diz o Dr. Cândido de Figueiredo que a palavra *Camarnal*, nome deum a povoação de Alemquer, deve ser corruptela ou evolução fonética de *cavernal*, logar em que ha muitas cavernas. E explica:

— «Em *cavernal*, a consoante fricativa *v* poderia converter-se na labial ou explosiva sonante *b*...»

O Dr. Cândido de Figueiredo não é só um eminente lexicologo; é tambem um cosinheiro eminente.

Elle péga n'uma lingua, e tira d'ella uma variedade de petiscos que Vatel nem sonhou. Depois, os nomes que elle inventa e dá a cada um dos seus variados pratos!

*Consoantes fricativas*, por exemplo, é unico. Evidentemente, deve ser qualquer coisa de fricassé; mas, meu Deus, o que será?!

Quanto a *explosiva sonante*, está-se a vêr o que é. Nunca se déra um nome tão delicado á orelheira de porco com feijão!

Lisboa alarge-se

A noticia de que vae ser alargada a área de Lisboa tem provocado, a um tempo, protestos e regosijos. Protestam uns, porque gostavam mais de morar no campo, e assim vão ser obrigados a ficar morando na cidade. Regosijam outros, porque tendo sempre gostado mais de morar na cidade, lá imaginam que assim vão deixar de viver no campo.

Hontem, as primas Soisas foram visitar as primas Alvas, que ha oito annos residem na Buraca, por achar o paé que a vida fóra de portas lhe sáe muito mais em conta.

E as Soisas encontraram as Alvas n'uma alegria doida.

— Mas que alegria é esta? — perguntavam ellas — que alegria é esta?!

— Se lhes parece a vocês que o caso é para menos... Não mudamos de casa, e ficamos mais perto da Baixa!

As Soisas não percebiam.

— Sim meninas, pois então não sabem? Vamos ficar com a Buraca dentro da Circumvalação!

Logares do sello

A estampilhagem das especialidades pharmaceuticas, para os efeitos de augmentar a receita do sello, está levantando justos protestos entre a numerosa classe dos boticarios.

Cada frasco de Agua dos Carmelitas, terá no gargalo um sello de dez réis.

Cada sinapismo de Rigolot terá nas costas um sello de vintem.

Cada caixa de Pilulas Pink terá na tampa um sello de pataco.

Agora, depois de estampilhados os remedios, só o que nos falta é vêr estampilhar as doencas.

Sendo angina, o fisco apporá na garganta do doente um sello de tostão.

Sendo dysenteria, um sello de 150 no umbigo.

Sendo hemorroidas, um sello de dois tostões no logar do costume.

Platéas e talhos

O actor Antoine, no seu regresso da America do Sul, conversou aqui com um jornalista, a quem disse trazer excellentes impressões do publico de Buenos-Ayres e de Montevidéu.

— E' um publico d'élite, um publico de veras illustrado, bem educado, delicado...

Não admira. A Republica Argentina tem mandado para Lisboa todo o pé de boi que lá tinha.

Um almoço de trez para diante

Mendonça e Costa teve em Pekim um almoço de que ños envia o curiosissimo menú. Entre muitas outras coisas de mais ou menos difficil digestão, houve como hors-d'œuvre pevides de melancia, raizes de lotus, sementes de nenuphar, caroços de ginja, cascas de pecego; e, no fim de tudo, caldo de gallinha amarella, que já então ninguem quer, e é costume deixar ficar nos pratos, intacto.

— Tem graça! dizia Mendonça e Costa a um mandarim convida d'esse almoço. — Tem muita graça! Aqui é tudo ao contrario. Nós lá começamos por tomar o caldo de gallinha, e acabamos por deixar ficar nos pratos as pevides e os caroços. Os senhores, cá, começam por comer as pevides e os caroços, e acabam por deixar ficar o caldo de gallinha... Provavelmente — concluia — antes de se sentarem á meza, já trazem feita a digestão!

Parodia obrigada ás palavras finas

A vida evaporei na lida *insana*  
Que á vil galopinagem me *arrastava*;  
Com seiscentos diabos, eu *jugava*  
Que aquillo dava tom á vida *humana*!

Entrincheirado em parvalheira *ufana*  
Julguei que o meu futuro se *dourava*;  
Mas, vendo a minha dignidade *escrava*,  
Fiquei tal qual o cão quando se *damna*!

Grandissimos patifes e *tyrannos*  
Se o premio das trapacas me não *coube*,  
Colhi muito tardios *Desenganos*.

Quando a Parca da vista a luz me *roube*  
Leva um pacovio... que estudou trinta *annos*  
E os grandes gajos conhecer não *soubes*!



**Compendios e retalhos**

Tem-se falado d'outra reforma do regimen de instrucção secundaria. E, a este respeito, cada qual aponta ou sugere modificações aconselhadas pela experiencia, ou sollicitadas pela opinião.

Uns querem que se acabe com a exigencia de sete annos de latim para a admissão nas escolas superiores.

Outros querem que se refundam os programmas, de modo a evitar ás creanças accumulacão de materias violentas.

Ainda outros querem que se faça uma redução consideravel nos preços dos compendios, que são actualmentemente um despropósito.

A respeito d'este ultimo ponto, muito para meditar, diz uma folha:

«Baratear o ensino deve ser o ideal de toda a moderna reforma de instrucção».

Não é uma opinião de pedagogo. E' uma opinião do Grandella.



**Tremor de terra**

Tremeu a terra! o povo, de assustado, Correu por essas ruas de Lisboa; E desde o Alto do Pina á Madragoa, Levantou-se da cama o já deitado!...

Todo o oratorio foi escancarado, De cêra se gastou porção bem boa; E o hymno a Santa Barbara inda soa Pela amplidão dos ares espalhado!...

Muitos ajoelharam n'essas ruas, Pedindo ao novo Papa o santo apoio, Apoio de orações latinas, suas...

E houve até quem fugisse do seu côio Em fralda de camisa e pernas nuas... Por julgar um discurso ouvir do Arroyo!



**Proteção á mulher**

D'uma carta de Xavier de Carvalho:

«O ministro dos Correios e Telegraphos de França teve agora uma idéa digna de todos os applausos: vae crear um hotel especial para as meninas que vivem sós, sem familia em Paris, e que estão empregadas no telegrapho e no telephone. Terão quartos muito bem mobilados, uma bibliotheca, sala de concerto, sala de jogos innocentes, casa de banhos, etc.»

E' uma noticia só para homens.

**Canções populares**

**MOTE**

D'este coio luzitano Não se percebem as leis: José Estevão não ha, Já não ha Passos Manoels!

**GLOSA**

Entra em Coimbra um rapaz, Tendo o diabo na pelle, E, com estudo ou sem elle, Um senhor *doitor* se faz: Entra com olho sagaz Da politica no arcano; D'ali a menos d'um anno, Quando é bem apadrinhado, Eil-o feito deputado D'este coio luzitano.

Usa dos parcos recursos De que o *caco* é escond'rijo, E, se fala forte e rijo, Começa a botar discursos: Alistado entre outros ursos, Dá que dizer aos papeis; Palrando mais do que seis, Embrulha, faz reboliço... E por isto no cortiço Não se percebem as leis.

Os nossos patrões da lancha Nem sempre marcham á toa, Mas, se nos dão coisa boa, Logo vem quem a desmancha! A' má lingua não arrancha, Pancadinha certa dá Todo que disser por cá, Mais ou menos contristado: —N'este paiz enquiçado José Estevão não ha!

O *doitor* perde essa alcunha Quando a ser ministro avança; Tão forte unha á pasta lança Que a custo a larga da unha!... Vae no povo caramunha, Entra o *Zé* em tranzeis; Diz entre angustias cruéis Lamentando os seus revezes: —Já não temos portuguezes, Já não ha Passos Manoels!

BONIFACIO.

**Regulamento dos creados**

Dois creados de servir, á volta das compras, vêm commentando o novo Regulamento, que os sujeita a toda a casta de vexames.



Elle é prohibido alugar quartos fóra da casa dos patrões.

Elle é prohibido ter fóra de casa dos amos qualquer caixa ou qualquer bahú.

Elle é prohibido procurar outra casa, sem avisar o dono d'aquella em que se esteja a servir.

E prohibido mais isto; e prohibido mais aquillo.

—«Caramba! dizia então um d'elles, pousando o cesto das compras. E desabafava: — Isto até dá vontade d'uma pessoa se fazer patrão!»

**Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

*Serviço dos Armazens*  
*Fornecimento de oleo mineral para injeccão de travessas*

No dia 12 de outubro pela 1 hora da tarde na estação central de Lisboa (Rocio), perante a Commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as proposta recebidas para o fornecimento de 900 toneladas d'oleo mineral para injeccão de travessas.

As condições estão patente em Lisboa na repartição central dos Armazens (edificio da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28, rua de Châteaudun.

Lisboa, 4 de setembro de 1903

Pelo Director-Geral da Companhia  
O engenheiro sub-director  
*Augusto Luciano S. de Carvalho.*

**A PARODIA**

Capas para encadernação do 1.º, 2.º e 3.º volumes

Preço de cada 700 réis

Vendem-se na Rua do Gremio Luzitano, 66, 1.º.

**ENCADERNAÇÃO**

Simple e de luxo, cartonagens, dourados em fitas para cordões e em toda a qualidade de pelles. *Casa premiada em diversas exposições*

**PAULINO FERREIRA**

126, Rua Nova da Trindade, 132

**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina anexa de fabrico e concertos



Jóias com brilhantes

Preços limitadissimos

99, RUA AUREA, 99

**Por 600 réis**

**SER PHOTOGRAPHIC!**

Apparelho completo com accessorios, livro explicativo ao alcance de qualquer tirar retratos por 600 réis provincia 650 réis. Pedir catálogos illustrados. Capas para a encadernação d'*A Parodia*, 1.º, 2.º e 3.º anno 700 réis, empaste 200 réis.

**ALVES & FERREIRA**

220, Rua Augusta, 222

# UMA AULA NO LYCEU

Ora, no lyceu de S. Domingos ha apenas 8 salas e no do Carmo 23. Quer dizer, faltam 2 salas, de que já não dispõe nenhum dos edificios, pois que n'elles já não ha desvão que não tenha sido aproveitado para aulas. Consta-nos até que se pensa, como ultimo recurso, em instalar essas classes no sotão do lyceu do Carmo!

*Das jornaes.*



**Historia dos povos orientaes**